

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, GEOCIÊNCIAS, E SAÚDE
COLETIVA – IGESC**

Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura

Júlia Cardoso de Souza

**INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E
GEOGRAFIA: ABORDAGENS PEDAGÓGICAS
A PARTIR DO LIVRO “ALÉM DA CHUVA”**

Trabalho de Conclusão de Curso

Uberlândia-MG

2024

Júlia Cardoso de Souza

**INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E
GEOGRAFIA: ABORDAGENS PEDAGÓGICAS
A PARTIR DO LIVRO “ALÉM DA CHUVA”**

Trabalho de Conclusão do Curso em Licenciatura em Geografia, do Instituto de Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção de diploma de graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Regina Gonçalves

Uberlândia-MG, 01 de novembro de 2024.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Amanda Regina Gonçalves (IG/UFU) - Orientadora

Profa. Dra. Paula Cristiane Strina Juliasz (DG/USP)

Prof. Dr. Alex Cristiano de Souza (IG/UFU)

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S729 Souza, Júlia Cardoso de, 1999-
2024 INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E
GEOGRAFIA [recurso eletrônico] : ABORDAGENS PEDAGÓGICAS
A PARTIR DO LIVRO "ALÉM DA CHUVA" / Júlia Cardoso de
Souza. - 2024.

Orientadora: Amanda Regina Gonçalves .
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em
Geografia.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

1. Geografia. I. , Amanda Regina Gonçalves, 1979-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Índice de Figuras

Figura 1. Ilustrações de Fernando Vilela no livro Além da Chuva, de autoria de Michel Gorski, (2000).	24
Figura 2. Organograma: Conhecimentos Geográficos para prática de ensino com o livro “Além da Chuva” (Gorski, 2020).	27
Figura 3. Imagem do Município de São Paulo/SP com destaque para os distritos da Subprefeitura Mooca, onde se situa o bairro Mooca.	29
Figura 4. Imagem de satélite com vista aérea de parte do bairro Mooca, na cidade de São Paulo, com destaque para a dicotomia entre a intensa urbanização, complexa malha urbana e singela área verde.	32
Figura 5. Notícia de jornal sobre chuva intensa na cidade de São Paulo-SP, de 08 de março de 2024, com destaque para as enchentes enfrentadas em diversas áreas da Zona Leste da cidade, incluindo áreas no Bairro Mooca.	32

Sumário

Índice de Figuras	4
Resumo.....	6
Abstract	6
Introdução	7
Interseções entre Literatura e Geografia	8
Literatura e educação geográfica na escola.....	14
Literatura brasileira para brasileiros.....	16
Estratégias pedagógicas para a integração entre Literatura e Geografia	18
Análise da Obra “Além da Chuva” de Michel Gorski e potencialidades didáticas.....	22
Considerações finais.....	40
Referências.....	41

Resumo

Este trabalho examina a interseção entre literatura e geografia no contexto educacional, destacando o uso de narrativas literárias como ferramenta didática para a formação de conceitos geográficos no Ensino Fundamental. A partir da análise do livro *Além da Chuva*, de Michel Gorski, discute-se como a literatura pode auxiliar a mediação e a compreensão de temas como o uso e ocupação do solo, as dinâmicas das paisagens urbanas e a sustentabilidade. O estudo enfatiza a importância de selecionar obras literárias que dialoguem com o espaço vivido dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada. Além disso, são apresentadas estratégias pedagógicas que incentivam a reflexão crítica e a criatividade, essenciais para a formação de leitores e cidadãos conscientes das dinâmicas sociais e ambientais dos espaços onde vivem.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil, Ensino de Geografia, Sustentabilidade, Cidade, Ensino fundamental

Abstract

This paper examines the intersection between literature and geography in an educational context, highlighting the use of literary narratives as teaching tools for developing geographic concepts in high schools. It discusses how literature can mediate and understand themes such as land use, urban landscape dynamics, and sustainability through the analysis of the book *Beyond the Rain (Além da Chuva)* by Michel Gorski. The study emphasizes the importance of selecting literary works that resonate with students' lived spaces promoting meaningful and contextualized learning. Additionally, this paper presents pedagogical strategies that encourage critical thinking and creativity, both essential for forming readers and citizens aware of the social and environmental dynamics of the spaces where they live.

Keywords: Children's literature, Geography Education, Sustainability, City, Elementary education.

Introdução

A literatura, ao longo da história, tem sido uma das principais formas de expressão cultural e uma ferramenta fundamental para a formação de indivíduos e sociedades. No contexto educacional, especialmente no ensino fundamental, a literatura infanto-juvenil desempenha um papel crucial não apenas no desenvolvimento de habilidades de leitura, mas também na construção da identidade cultural, social e espacial dos alunos. A partir da leitura e interpretação de textos literários, os estudantes são incentivados a refletir sobre o mundo ao seu redor, desenvolver sua imaginação e formar uma compreensão crítica de seus espaços vividos.

Reconhece-se a importância de integrar diferentes disciplinas no ambiente educacional, com o objetivo de proporcionar uma formação mais completa e significativa para os alunos. Nesse sentido, a Geografia, como disciplina que estuda a relação entre a sociedade e o espaço, encontra na literatura uma aliada poderosa para mediar a compreensão dos conceitos espaciais e das dinâmicas territoriais. A literatura, ao contar histórias ambientadas em diferentes espaços e tempos, oferece uma visão rica e detalhada das interações humanas com o ambiente, permitindo que os alunos compreendam as transformações geográficas e os impactos dessas mudanças na vida cotidiana.

Este trabalho propõe-se a explorar interseções entre literatura e geografia destinadas ao ambiente escolar, com foco na utilização de textos literários como instrumentos pedagógicos para o ensino de geografia. A análise centra-se no livro *Além da Chuva*, de Michael Gorski, que, através de uma narrativa envolvente e ilustrações impactantes, aborda temas como a sustentabilidade, o uso e a ocupação do solo, e a transformação das paisagens urbanas. O livro, destinado ao público infanto-juvenil, é particularmente relevante para alunos do 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, uma vez que corresponde ao período em que a Geografia compõe o currículo como disciplina escolar e explora os temas abordados no livro de maneira analítica e crítica.

Por meio da análise desta obra, o presente estudo pretende demonstrar como a literatura pode ser utilizada para introduzir e aprofundar conceitos geográficos de forma lúdica e significativa, contribuindo para a formação de leitores críticos e conscientes. Além disso, busca-se evidenciar a importância de selecionar obras que dialoguem com as vivências dos alunos, permitindo-lhes estabelecer conexões entre o conteúdo escolar e suas vivências pessoais, o que potencializa a aprendizagem e promove uma educação mais integrada e contextualizada.

Interseções entre Literatura e Geografia

Para compreendermos melhor a formação de leitores, torna-se necessário conhecer as dinâmicas envolvidas nos processos de ensinar e aprender, com base no desenvolvimento do pensamento humano. Recorre-se à teoria da psicologia sociocultural, sobretudo em um dos seus primeiros expoentes Vygotsky ([1978] 2007), para embasar o estudo, por considerar que o desenvolvimento intelectual e a aquisição de autonomia das crianças e jovens ocorrem em função das interações sociais e do contato com o meio e com instrumentos que fazem essas mediações.

Segundo Vygotsky ([1978] 2007), o desenvolvimento da criança é desencadeado por uma relação direta entre o sujeito e a sociedade ao seu redor, ou seja, o aprendizado não é passivo, mas sim ativo, no qual o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. O processo de aquisição é singular e reflete o ritmo de aprendizagem, como por exemplo: enquanto alguns já dominam a leitura, outros precisam de ajuda e estímulo. A compreensão das individualidades é fundamental para o desenvolvimento contínuo, tal qual a utilização de conhecimento prévio para uma nova assimilação e síntese.

Neste sentido, alguns autores reconhecem três zonas de desenvolvimento elaboradas por Lev Vygotsky em sua teoria: real, proximal e potencial — que formam um ciclo interdependente que impulsiona o aprendizado. A zona de desenvolvimento real representa as habilidades que a criança já consolidou e é capaz de realizar de maneira autônoma, revelando o que o desenvolvimento já produziu até o presente. Esse nível é importante, pois indica a base atual do conhecimento da criança.

A zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é o espaço entre o que a criança faz sozinha e o que consegue realizar com ajuda. É nessa zona que a orientação de adultos e colegas mais experientes facilita o enfrentamento de novos desafios, promovendo o aprendizado e ampliando o domínio de habilidades.

Por fim, a zona de desenvolvimento potencial destaca-se como o espaço que antecipa o futuro da criança. Ela reflete o que a criança ainda não consegue fazer sozinha, mas que, com o apoio certo, poderá se tornar parte de sua zona real no futuro. Como Vigotski, et. al (2010, p. 111) afirma, “o estado do desenvolvimento mental da criança só pode ser determinado referindo-se pelo menos a dois níveis: o nível de desenvolvimento efetivo e a área de desenvolvimento potencial”. Para orientar o desenvolvimento, é

essencial identificar em qual dessas zonas a criança se encontra e, especialmente, sua zona potencial, pois é ela que revela o caminho para a próxima fase de aprendizado e autonomia.

Assim, a zona de desenvolvimento potencial permite antecipar e planejar intervenções educativas, garantindo que a criança esteja em constante progresso. É ela que marca a passagem entre o presente e o futuro do desenvolvimento, assegurando que o aprendizado seja um processo contínuo e progressivo.

Segundo a teoria, as zonas de desenvolvimento são utilizadas para a compreensão de diferentes estágios da infância, caracterizados por múltiplas necessidades e capacidades de aprendizagem. Segundo Francisca Lima, em “Abordagem dos elementos conceituais da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky” (2020), os processos de desenvolvimento do grupo infante-juvenil (idade escolar de 08 a 12 anos), em sua maioria, encontram-se nas zonas de desenvolvimento real e proximal, nas quais a criança já realiza atividades como ler, escrever e fazer operações básicas de forma independente. Com apoio e mediações, elas começam a caminhar para o desenvolvimento de conceitos mais abstratos, a resolução de problemas complexos e o aprimoramento de habilidades sociais avançadas, mostrando progresso contínuo em direção à autonomia nessas competências.

As interações e mediações instrumentalizam a aquisição de novas habilidades e promovem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores como a memória, atenção, o pensamento abstrato e a constituição de identidade Vygotsky ([1978] 2007).

Sobre essa perspectiva, a formação de leitores literários é precedida pela de leitores de mundo e de seu próprio espaço vivido – narrativas que servem como arcabouço teórico/experiencial para a compreensão do código escrito, além dos símbolos, como apontado por Paulo Freire (1989, p. 9) em “A importância do ato de ler”:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

O autor literaturiza sua explicação sobre alfabetização a partir do seu próprio processo de alfabetização:

Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo das noites.

Na medida, porém que fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra.

A decifração da palavra flui naturalmente da “leitura” do mundo particular (FREIRE, 1989, p. 10-11).

Os símbolos são vistos como mediadores no processo de formação de leitores e cidadãos críticos, pois permitem que o indivíduo organize e expresse seus pensamentos, bem como interajam com o mundo ao seu redor, para tanto é fundamental ir além da mera decodificação. O domínio da linguagem e da escrita não é essencial apenas para a comunicação, mas também para o desenvolvimento de funções cognitivas complexas. Segundo Ana Paula Rosa e Maria Goi (2024, p. 2):

Conforme Vygotsky conduz (1999), as palavras são signos linguísticos e o significado das palavras e dos gestos são socialmente construídos. Vygotsky (1999) destaca que o indivíduo capta o significado e o internaliza como signo, pois a consciência humana é baseada em um contrato social consigo mesma, sendo a linguagem uma ferramenta importante para o desenvolvimento cognitivo.

A linguagem é uma ferramenta de acesso básica para que o indivíduo possa participar do mundo social, transmitindo seus pensamentos, preservando a identidade de grupos e compreendendo as relações “entre, nas e pelas linguagens” segundo Leyla Perrone Moisés (2006, p. 21) em “Literatura para todos”.

É necessário que a criança e o jovem compreendam a necessidade de aprender a/e sobre a língua materna, tal qual seu emprego e utilização, seja na forma oral, escrita e ou imagética. É através dela que há a possibilidade de contar histórias, sobre o cotidiano, suas narrativas e principalmente, imaginar. Assim, Vygotsky aponta em “Imaginação e Criação na infância” ([1896-1934] 2018, p. 14) “[...] todo o mundo da cultura, diferente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nele se baseia”. E explica:

Eis porque em cada período do desenvolvimento infantil a imaginação criadora funciona de modo peculiar, característica de uma determinada etapa do desenvolvimento em que se encontra a criança, vimos que a imaginação

depende das experiências da criança forma-se e cresce gradativamente [...] (Vygotsky, [1896-1934] 2018, p.45).

Neste contexto, a literatura emerge como mais do que um simples exercício de linguagem e entretenimento, a literatura também se destaca como um fomento à criatividade e a descentralização do pensamento egocêntrico, pois possibilita a exploração de diferentes mundos e personagens, a expansão da capacidade de imaginar e de pensar de forma original. Para Vygotsky ([1896-1934] 2018, p.21) a imaginação:

Ela não irrompe de uma vez, mas lenta e gradativamente desenvolvendo-se de formas mais elementares e simples para outras mais complexas. Em cada estágio etário, ela tem uma expressão singular, cada período da infância possui sua forma característica de criação.

Logo, a literatura apresenta uma rica variedade de gêneros e estilos e se configura como um instrumento basilar na formação integral do indivíduo. Peruzzo em “A importância da literatura infantil na formação de leitores” (2011, p. 96) completa:

A literatura infantil desemboca o exercício de compreensão, sendo um ponto de partida para outros textos, pois com o passar do tempo, as crianças sentem necessidade de variar os temas de leitura uma vez que, a leitura é a forma mais sistematizada de elaboração da fantasia, passando a ter um nível mais elevado de cultura, estimulando a escolha e a crítica de certos textos.

Através da palavra escrita, a literatura se mostra como uma aliada fundamental na educação, conforme aponta Perrone-Moises em “Literatura para todos” (2006, p. 27-28, grifo nosso) seis justificativas para a articulação da literatura no campo educacional e social:

1. Porque ensinar literatura é **ensinar a ler**, sem literatura não há cultura;
2. Porque os textos literários são aqueles que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e maior **potência de significação**;
3. Porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos) mas opera a interação de vários **níveis semânticos** e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de **interpretações**;
4. Porque a literatura é um instrumento de **conhecimento e de autoconhecimento**;
5. Porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outros mundos, outras histórias e outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é um motor das **transformações** históricas;
6. Porque a poesia capta níveis de **percepção, de fruição e de expressão da realidade** que outros tipos de texto não alcançam.

Com foco no público infanto-juvenil, a introdução de textos literários se mostra como um recurso na expansão da criatividade e fortalecimento de habilidades cognitivas

e emocionais fundamentais. Dado que frequentemente crianças e jovens não têm o vocabulário ou conhecimento adequados para entender o que sentem, tornando a expressão dessas emoções mais difícil. As narrativas possibilitam com que as crianças e jovens explorem e experienciem diferentes perspectivas e emoções através das situações e personagens apresentados. A criança passa a se identificar e compreende suas emoções e experiências sociais, seja por similaridade emocional ou experiências compartilhadas com as histórias.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras as emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (Betelheim, 1980, p. 13).

Ressalta-se que embora os leitores compartilhem do mesmo livro, suas narrativas pessoais são distintas e por isso, possuem visões e leituras singulares do cotidiano e do texto, que são moldadas por suas experiências e vivências.

A medida em que o sujeito experiência e se desenvolve, ele aprende a enxergar o mundo a partir de diferentes perspectivas, utilizando das narrativas pessoais e literárias para a formação da percepção do seu espaço vivido.

No contexto educacional, segundo o autor Ivor Goodson (2007) em seu artigo “Currículo, narrativa e o futuro social”, as narrativas desempenham um papel essencial na formação do indivíduo. Elas não apenas servem como um meio para transmitir conteúdo, mas também auxiliam os alunos a estabelecer conexões sociais e culturais. O desenvolvimento do sentido de pertencimento se relaciona com o acesso a histórias que refletem e se conectam com suas próprias experiências e identidades, desencadeando na redução do sentimento de exclusão ou isolamento. A validação da vivência se relaciona com a percepção de participação de uma experiência social e educacional.

Neste contexto, a Geografia se mostra como uma ciência que contribui para a formação de uma identidade socioespacial e a compreensão de si no mundo, por meio da leitura das questões espaciais do cotidiano e das experiências nele vivenciadas, a partir dos conhecimentos geográficos. Através das suas abordagens, auxilia na compreensão dos alunos acerca do mundo em que vivem, tendo como base suas próprias histórias e experiências, o que contribui na construção de uma consciência de pertencimento.

Literaturizar a Geografia pode aprofundar essa compreensão, permitindo que os alunos explorem as questões espaciais do cotidiano não apenas a partir de suas próprias

experiências, mas também por meio dos estilos literários. Conforme aponta Amanda R. Gonçalves (2014, p. 13), ao se referir a um conjunto de contos que ressaltam aspectos geográficos, esses textos “ajudarão o leitor a pensar sobre a simultaneidade de diversas temporalidades que existem sobre cada espaço de terra, identificando as temporalidades do espaço onde vive e dos que conhece”. Assim, a leitura passa a ser um instrumento para reconhecer outras dimensões, além da emocional, incluindo a temporal e a espacial.

Sob esse prisma, fica difícil dissociar o papel da educação geográfica na formação de leitores, principalmente quando consideramos uma formação integral do indivíduo. O recorte mais amplo e indissociável entre as ciências se dá pela relação entre seus campos de estudo e por trabalharem com a análise das relações entre os seres humanos e o seu ambiente, mesmo que a literatura possa trazer isso de forma literaturizada.

Para a análise geográfica e a elaboração de uma narrativa, é necessário considerar a construção dos fatos e o estabelecimento de relações, dentro do espaço-tempo, como aponta Milton Santos em “A natureza do Espaço” (2006, p.102-103) “o espaço testemunha a realização da história, sendo a um só tempo passado, presente e futuro [...] a história real de vida dos lugares mostra que os objetos são inseridos num meio segundo uma ordem, e uma sequência que acaba por determinar um sentido aquele meio”.

Ao situar eventos em períodos históricos específicos e em locais geográficos distintos, os autores literários proporcionam aos leitores um contexto essencial para compreender as nuances das histórias, dos espaços onde ocorrem e as motivações dos personagens.

Da mesma forma, na Geografia, a demarcação de tempo e espaço é fundamental para o estudo e análise dos fenômenos espaciais. Milton Santos, em "Metamorfoses do Espaço Habitado" (1988), argumenta que o espaço é um produto das práticas sociais e das transformações que ocorrem ao longo do tempo. Ele ressalta que a compreensão do espaço não pode ser dissociada do seu contexto histórico e das dinâmicas que o moldam.

Através da delimitação de períodos históricos e regiões geográficas específicas, os geógrafos podem examinar como as paisagens e os processos naturais e humanos se alteram e interagem ao longo do tempo. Santos (2006) enfatiza que essas transformações são evidências das relações complexas entre sociedade, cultura e ambiente. Ele argumenta que o espaço é vivido e percebido de formas distintas em diferentes momentos e contextos, o que nos permite entender como as práticas sociais e as intervenções humanas influenciam e são influenciadas pelo ambiente.

Essa abordagem destaca a importância de compreender e observar as dinâmicas existentes nas paisagens, revelando como elas são moldadas pelas interações entre processos naturais e humanos ao longo do tempo.

Reiterando o que foi apontado por Freire (1989), a educação geográfica desempenha um papel fundamental ao conferir instrumentos para que possamos compreender o significado dos lugares onde habitamos e principalmente, dar sentido aos códigos/símbolos de tudo aquilo que compõe esse e outros espaços. Sendo basilar para a leitura de mundo que antecede a leitura da palavra, mas também que precede dela. Ou seja, a palavra aqui pode ser compreendida como as conceituações e compreensões geográficas, desenvolvidas por meio da educação geográfica escolar, que são precedidas pelas leituras diretas de mundo, mas também que antecedem outras leituras posteriores de mundo.

Literatura e educação geográfica na escola

Para compreender a interdisciplinaridade entre Geografia e a Literatura infanto-juvenil no ambiente escolar, recorre-se a Alex C. Souza (2021) em “Ensino de geografia e literatura: crítica, fundamentação metodológica e mediação pedagógica a partir da obra de Eduardo Galeano”, uma vez que indica que a educação escolar não deve se limitar a adaptar os alunos às demandas do cotidiano, mas sim conduzi-los a um processo educativo que ultrapasse essa espontaneidade alienada. Isso implica não apenas em expor os alunos aos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos, mas também em incentivá-los a apropriar-se permanentemente desses saberes em níveis cada vez mais elevados.

Ainda segundo Souza (2021), isso se traduz em reconhecer a importância do diálogo entre literatura e geografia no processo educativo, não apenas para enriquecer os alunos, mas também para transformá-los em indivíduos mais completos e críticos, capazes de compreender e interagir de forma significativa com o mundo. Tendo sempre a educação escolar como mediadora entre a vida cotidiana e as esferas não cotidianas de objetivação.

O uso da literatura, por exemplo, em "O Cortiço" de Aluísio de Azevedo (1980), no ensino de geografia é uma ferramenta valiosa para explorar as problemáticas sociais e espaciais presentes na narrativa. Através da análise das relações históricas e geográficas

retratadas no romance, como a representação do espaço urbano brasileiro da época, podemos contextualizar essas questões no cenário contemporâneo.

Portanto, ao explorar a relação entre literatura e geografia no contexto educacional, é essencial considerar não apenas as perspectivas teóricas e metodológicas utilizadas, mas também as implicações práticas dessas abordagens no processo de ensino e aprendizagem. A integração entre os dois campos disciplinares pode oferecer uma compreensão mais profunda e significativa do mundo ao nosso redor, além de estimular o pensamento crítico e a reflexão sobre questões sociais e espaciais. A Geografia oferece ferramentas para entender a organização e dinâmica dos espaços, enquanto a Literatura proporciona narrativas que exploram as experiências humanas nesses espaços. Segundo Vygostky (2018, p. 27),

Quando lemos o jornal e nos informamos sobre milhares de acontecimentos que não testemunhamos diretamente, quando uma criança estuda geografia ou história, quando, por meio de uma carta, tomamos conhecimento do que está acontecendo a outra pessoa, em todos esses casos, a nossa imaginação serve a nossa experiência

Para alcançar um desenvolvimento efetivo, o trabalho tem que abarcar duas bases, segundo Souza (2021), sendo o diálogo prévio com os alunos em relação à troca de sensações, percepções e sentimentos na produção de novos conhecimentos; e o aprofundamento nas mediações em relação a conceitos básicos, que possibilitam a relação entre o texto literário e os conteúdos da disciplina Geografia. É intrínseca a esse processo a análise dos conhecimentos prévios dos alunos como ponto de partida para o planejamento de atividades.

Neste aspecto, a literatura emerge como um instrumento didático valioso, que ajuda os alunos a compreenderem conceitos geográficos de maneira mais contextualizada e menos abstrata. No entanto, é essencial garantir uma fundamentação teórica sólida e uma abordagem metodológica consistente ao utilizar a literatura como recurso didático. Além disso, é importante reconhecer a complexidade e multidimensionalidade da geografia, evitando limitá-la à localização e espacialização. A literatura permite diferentes interpretações por parte dos leitores, o que demanda um direcionamento mais objetivo por parte do professor para alcançar os objetivos educacionais.

Para além dos livros didáticos, que muitas vezes apresentam conteúdos e conceitos geográficos de forma descontextualizada e distante de acontecimentos concretos, os livros paradidáticos, ao utilizarem a linguagem literária, podem trazer reflexões e

explicações conceituais de maneira mais tangível. Em geral, esses livros ancoram os conceitos em situações reais, conferindo maior concretude à abordagem dos temas.

Ao literaturizar os assuntos e acontecimentos, pode apresentar com situações reais ou imaginárias questões do cotidiano que compõe o arcabouço de conhecimentos da Geografia, onde o foco é explicação de uma situação que possibilitará posteriormente a compreensão macro do contexto e a aprendizagem de conceitos. Segundo Gonçalves (2014, p. 11) “buscamos no gênero literário de crônicas e contos parâmetros para que essas escritas se tornassem formas de narrar a vida e literaturizar a Geografia”.

A leitura literária e a mediação do professor podem incentivar o questionamento e conseqüentemente a análise crítica dos diversos elementos que compõem a narrativa. Ao explorar as diversas camadas que compõem o ambiente, os personagens e as situações, os estudantes desenvolvem a habilidade de examinar e comparar de forma crítica os problemas ambientais e sociais identificados em seu espaço vivido, compreendendo suas origens e mecanismos que os causam e os que podem transformá-los; além de poderem se sensibilizar com as tramas e personagens da história narrada.

Vygotsky (1896-1934] 2018, p. 34) discorre sobre a própria elaboração dos textos:

As obras de arte podem exercer essa influência sobre a consciência social das pessoas, apenas porque possuem sua própria lógica interna. O autor de qualquer obra artística, assim como Púgatkhirov, combina as imagens da fantasia não atoa e sem propósito ou amontadas casualmente, assim como num sonho ou num delírio. Pelo contrário, as obras de arte seguem a lógica interna das imagens em desenvolvimento, lógica essa que se condiciona à relação que a obra estabelece entre seu próprio mundo e o mundo externo.

Assim, as obras de arte desempenham um papel crucial na formação da consciência social, graças à sua lógica interna e intencionalidade criativa. Ao estabelecerem uma conexão significativa entre o mundo interno da obra e o mundo externo, elas conseguem provocar reflexões, emoções e mudanças de perspectiva no público, destacando a importância da arte como um meio poderoso de comunicação e transformação social.

Literatura brasileira para brasileiros

Ampliando a perspectiva acerca do impacto transformador das obras de arte na formação da consciência social, fica claro que a arte não apenas reflete a sociedade, mas também a molda, influenciando as percepções e ações dos indivíduos. Essa capacidade de gerar reflexão e mudança é igualmente poderosa na literatura, especialmente na

literatura brasileira, que carrega em si a essência e as nuances de uma cultura rica e diversa. Ao analisar a literatura brasileira, encontramos uma representação detalhada da sociedade, que reflete de maneira particular as múltiplas realidades e regionalidades vividas pelos brasileiros. Abordando desde os desafios cotidianos até as manifestações culturais e aspectos espaciais do Brasil.

Logo, isso nos conduz ao questionamento feito por Vasques: Por que literatura infanto-juvenil brasileira?

Ora, **porque somos brasileiros**, assim como os autores da nossa literatura infantil e juvenil! Isso quer dizer que suas obras têm a ver com o nosso cotidiano de povo brasileiro, com nossos costumes, nossos valores, nossa visão de mundo, nossa cultura e, por isso, apresentam linguagens facilmente apreensíveis aos brasileiros, **porque têm significado para nós**. Ou seja, são **escritos no e para o contexto brasileiro**, embora os temas dessas histórias sejam globais (Vasques, 2013, p. 17, grifo nosso).

A escolha de obras brasileiras transcende a busca por entretenimento, pois oferece a possibilidade de inserir instrumentos educativos e formativos em sala de aula que auxiliam a construção e reforço da identidade cultural nacional desde a infância.

A inserção de elementos ambientais, sociais e culturais brasileiros seja na escolha dos personagens ou cenários, agrega valor às obras e as eleva a outro nível. Isso porque, ao revisarmos Vygotsky ([1896-1934] 2018, p. 24), a imaginação está associada ao desenvolvimento da memória, fator fundamental para imaginação e compreensão dos símbolos. Segundo o autor,

[...] a atividade criadora da imaginação, depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa porque essa experiência constitui o material com que criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para sua imaginação.

Logo, quanto maior a presença de elementos como: cultura e tradições, linguagens e expressões regionais, cenários e paisagens familiares, que retratem os perfis brasileiros, maior a probabilidade de que as crianças, desenvolvam seu processo de criação e memória e reconheçam suas próprias vidas e ambientes nos livros que leem, dessa forma os leitores se sentem mais conectados e interessados pela leitura. Além disso, essa literatura serve como uma ponte para o entendimento de outras culturas, uma vez que, ao se firmarem na própria identidade, as crianças estão mais abertas a aprender sobre o mundo exterior.

Nesta ocasião, é fundamental ressaltar que no contexto brasileiro a escolha das obras deve ser feita de forma cuidadosa e criteriosa, considerando a pluralidade cultural,

resultante de uma história marcada pela pluralidade cultural advinda do processo de colonização.

Baseando-se em Antônio Candido (2000), pode-se afirmar que a literatura se configura como um espaço de resistência e perpetuação cultural, através do qual o ser humano redefine e reafirma sua identidade. No Brasil do século XXI, a importância dos cronistas coloniais é reconhecida, pois, mesmo que seus ensaios literários sobre temas diversos, incluindo aspectos geográficos, não tivessem uma intenção científica, eles se fundamentavam em uma observação e descrição meticulosa das paisagens e dos costumes. Esses relatos, frutos de expedições e viagens, não apenas propiciaram uma compreensão mais profunda e uma diferenciação dos diversos territórios e culturas, mas também contribuíram de forma significativa para a concepção do espaço nacional, desde os primórdios da formação do Brasil. Tal qual a obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” ([1960] 2015), de Carolina Maria de Jesus, que deu voz e escancarou a realidade do cotidiano na favela, evidenciando problemas como a violência, miséria e fome.

Segundo Joana Cavalcanti em “Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica” (2002, p. 13),

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de cavernas ou em aparelhos de computação, lá está ele reproduzindo seu “estar-no-mundo” e reconhecendo-se capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis.

A literatura brasileira, utilizada como instrumento de aprendizagem e direcionada por profissionais capacitados promove acima de tudo a compreensão e a identidade cultural nacional, preparando os jovens para serem cidadãos mais conscientes e engajados no seu contexto social e global.

Estratégias pedagógicas para a integração entre Literatura e Geografia

A educação moderna, no contexto da sala de aula, renovou o papel do professor, que passou a se expandir além da simples transmissão de conhecimento. O professor assumiu o papel de mediador e incentivador do pensamento crítico, como aponta Manoel Fernandes Sousa Neto em “Aula de Geografia” (2008, p. 15):

A atividade da aula realiza o professor, como se não fosse apenas o professor que fizesse a aula, mas fosse feito por ela. Pensando nesse sentido **a aula é processo e não produto**, não é uma coisa com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um fim, não é uma coisa que possa se assemelhar à mercadoria que se troca por algo.

Desse modo, a ultrapassagem de uma perspectiva tradicional no âmbito da educação exige que os professores não vejam mais os alunos como objetos sobre os quais se deposita conhecimento, bem mais que isso, eles são sujeitos do processo no qual se dá a realização processual do próprio professor.

Cai assim, por terra, aquela antiga ideia de que apenas o professor detém o saber e que o restante deve receber esse saber sem questionamentos. Como se os estudantes fossem folhas em branco, recipientes vazios aos quais se deve encher de conteúdos, meros objetos destituídos de vontade.

O educador tem a importante tarefa de formar cidadãos e de desenvolver nos alunos a capacidade crítica de análise de seus espaços de vivência, para que possam utilizar o que aprenderam na escola em múltiplas situações e/ou lugares de vivência. Na visão de Paulo Freire em “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” (2002) ensinar com perspectiva crítica e responsabilidade social exige reflexão constante sobre a prática. Freire defende a prática docente crítica como um processo dialético entre ação e reflexão, sendo que a teoria deve ser usada para analisar a realidade e orientar a ação.

Neste contexto, é fundamental a escolha correta dos instrumentos empregados em sala de aula, tal qual a preocupação com a aproximação e utilização dos recursos de forma contextualizada, seja em relação ao conteúdo selecionado ou ao desenvolvimento do pensamento do aluno.

A escola é o local onde o estudante estabelece as relações entre o conhecimento escolar e o social, e compreende a relação entre os conceitos e suas vivências. Essas conexões são realizadas e possibilitadas por meio do intermédio do professor, que utiliza de seus conhecimentos e instrumentos mediadores para promover a integração científica e experiencial elevando o nível de complexidade das relações estabelecidas.

Sob a perspectiva da formação de leitores literários e de mundo, embora os livros de literatura sejam primariamente focados em narrativas ficcionais ou relatos históricos, a abordagem geográfica proporcionada pelo educador pode transformar a leitura, inclusive ficcional, romances e relatos históricos, em uma experiência de aprendizagem multidimensional. Isso não apenas enriquece o entendimento dos alunos sobre a narrativa, como também amplia sua percepção sobre o mundo real, conforme aponta Moreira Junior no capítulo “O espaço da literatura infantil e juvenil na representação do espaço geográfico” (2013, p. 31):

Neste contexto, o papel do professor como mediador do processo de aprendizagem é fundamental. Cabe a nós, professores clarificar a leitura geográfica dos textos literários, apontando, principalmente, para o fato de que toda a história é ambientada num espaço (Real ou ficcional). Podemos explorar os conceitos geográficos no estudo da paisagem, do território, do lugar e da região. Além disso, podemos apontar para o estabelecimento de outras relações mais complexas e análises aprofundadas que permitam, aos alunos, não apenas obter informações, mas também comparar perguntar e inspirar-se para interpretar as paisagens e construir conhecimentos sobre o espaço geográfico.

Neste âmbito, além da mediação, a escolha de um livro paradidático assertivo é fundamental. Segundo Cristiane F. Tavares (2008, p. 120-121), o uso de um critério comum para escolha de um livro, pautado no gosto geral dos alunos, merece uma reflexão. Ao abordar a seleção de livros para leitura na escola, a autora destaca a importância de considerar o gosto dos alunos como um fator pertinente ao processo de formação de leitores. A valorização dos interesses dos alunos na escolha das obras pode ser uma estratégia poderosa para despertar o prazer na leitura, que é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento do hábito de ler. Ao escolher títulos e gêneros que despertem curiosidade e entusiasmo, os professores têm maior chance de engajar os alunos de maneira ativa e prazerosa na atividade de leitura. O gosto pessoal dos alunos é um ponto de partida significativo, pois a identificação com temas, personagens ou estilos narrativos pode proporcionar uma conexão emocional com o texto, o que facilita a imersão na leitura e o desejo de continuar lendo.

No entanto, Tavares (2008) também sugere que, ao mesmo tempo em que o gosto dos alunos deve ser considerado, ele não pode ser o único critério para a seleção de obras. Limitar-se a essa abordagem pode restringir as oportunidades de ampliar o repertório literário dos alunos. A função do professor, nesse contexto, é equilibrar o prazer imediato com a introdução de novos desafios literários, oferecendo obras que, embora inicialmente fora do gosto comum, têm potencial para enriquecer a experiência leitora e promover o desenvolvimento crítico e interpretativo.

Dessa forma, ao considerar os gostos dos alunos, encontra-se uma porta de entrada para o mundo da leitura, mas cabe ao professor mediar esse processo, introduzindo gradativamente obras que possam expandir a compreensão dos alunos sobre o que é leitura prazerosa e desafiadora. O foco no gosto, portanto, não deve ser visto como uma limitação, mas como um ponto de partida estratégico para a construção de leitores mais plurais e aptos.

Ainda segundo Cristiane F. Tavares (2014), o professor deve se atentar aos seguintes parâmetros na escolha de um livro:

- Qualidade Literária: Considerar a qualidade da escrita, o diálogo entre ilustração e texto e a capacidade do livro de entreter e cativar os alunos.
- Adequação ao Público-Alvo: Interesses e nível de leitura dos alunos a fim de garantir que o livro seja adequado e compreensível para eles, sem a necessidade de se restringir exclusivamente à faixa etária.
- Relevância Temática: O livro deve abordar tópicos relevantes e atuais, para os objetivos educacionais, currículo e para os leitores. É fundamental ouvir as “dicas” e feedback dos alunos. Relação forma e conteúdo.
- Valor Educacional: Avaliar se o livro oferece oportunidades para discussões em sala de aula, conexões interdisciplinares e reflexões sobre valores e questões sociais.
- Feedback e Avaliações: Considerar feedbacks de outros educadores, críticas literárias e recomendações de especialistas para entender a recepção do livro e suas contribuições educacionais

É fundamental a discussão entre o corpo docente para a formação de um currículo literário adequado e eficiente, de modo a minimizando a “ingenuidade” ao escolher os livros, quebrando a relação estritamente comercial, através, por exemplo, de uma curadoria literária que considere os propósitos dos educadores, da comunidade escolar a que se destina, sem deixar de olhar, por exemplo, para livros mais antigos ou editoras menores.

Essa escolha meticulosa é especialmente importante na transição dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para os Anos Finais do Ensino Fundamental, público infanto-juvenil, um momento crucial na trajetória educacional dos estudantes. No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, o foco está na construção das habilidades básicas, com conclusões mais simples e imediatas, além de conteúdos apresentados de forma direta e concreta. À medida que os alunos ingressam no Ensino Fundamental – Anos Finais, especialmente a partir do 6º ano, eles enfrentam uma mudança significativa: os conteúdos tornam-se mais complexos e as conceituações partem de fenômenos mais abstratos.

O 6º ano marca essa transição, onde os alunos começam a desenvolver relações mais sofisticadas e abstratas entre os conceitos aprendidos, percebendo-os de maneira mais crítica e analítica. Com a introdução de disciplinas específicas e a necessidade de um pensamento mais abstrato, o papel dos livros paradidáticos se torna essencial. Esses instrumentos complementares oferecem uma abordagem mais rica e diversificada,

incentivando os alunos a explorar temas com maior profundidade e a desenvolver habilidades de pensamento crítico e criatividade.

Dessa forma, a discussão sobre a escolha dos materiais literários e paradidáticos para essa fase de transição não é apenas relevante, mas crucial. Ela assegura que os alunos estejam bem preparados para os desafios do Ensino Fundamental – Anos Finais, oferecendo-lhes as ferramentas necessárias para fazer conexões mais complexas entre os conhecimentos e desenvolver uma compreensão mais profunda e integrada do mundo ao seu redor. Ao focar em uma seleção criteriosa de livros, o corpo docente contribui para uma experiência educacional que vai além do currículo básico, promovendo o crescimento intelectual e pessoal dos alunos.

Análise da Obra “Além da Chuva” de Michel Gorski e potencialidades didáticas

A escolha de um livro para o público infanto-juvenil, especialmente para o 6º ano, representa um desafio significativo, uma vez que este é um momento crucial de transição no percurso educacional dos alunos. Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), conforme estipulado pelo Ministério da Educação, estabelece que os alunos devem ser capacitados a compreender o espaço geográfico e as dinâmicas que nele ocorrem. O 6º ano é um ponto de inflexão, onde o ensino de Geografia deve avançar para uma análise mais aprofundada das paisagens e suas transformações.

O currículo para o 6º ano enfatiza habilidades que buscam oferecer uma compreensão das relações entre os sujeitos e o espaço. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 381, grifo nosso), as habilidades essenciais incluem:

(EF06GE01) Comparar modificações das **paisagens** nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.

(EF06GE06) Identificar as características das **paisagens** transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.

(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.

Essas habilidades podem ser tomadas como ponto de partida das relações entre os sujeitos e o espaço, considerando a paisagem como categoria de análise. Para alcançar os objetivos de ensino e aprendizagem previstos pelo professor, é crucial escolher um livro que não apenas aborde os conceitos geográficos previstos na BNCC, mas também ofereça

uma perspectiva enriquecedora sobre o currículo oculto, que se refere aos valores, atitudes e habilidades não explicitamente detalhados no currículo formal, mas que são igualmente importantes para a formação integral dos alunos.

Um livro eficaz para o 6º ano deve proporcionar aos alunos uma compreensão abrangente da paisagem como categoria de análise, visto que, esta é uma categoria essencial para a compreensão de outras categorias geográficas, pois a paisagem sintetiza os elementos naturais e humanos em um espaço visível. Como Milton Santos afirma em *Metamorfose do Espaço Habitado* (1988. p. 21), "Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.". Ao entender a paisagem, os alunos podem explorar como esses elementos interagem, preparando-os para analisar categorias como território, lugar e região de forma mais integrada e contextualizada.

Propomos, nesta perspectiva, uma discussão acerca da divertida, instigante e crítica, obra narrada, de forma original, por Michel Gorski, com ilustrações de Fernando Vilela: *Além da Chuva* (2020). Voltado para o público infantil e juvenil brasileiro, o livro fictício do gênero conto futurista, narra a história do jornalista Carlos que retorna à cidade de São Paulo em 2035 para entrevistar um renomado inventor e antigo amigo de infância, Dr. Antônio Dias Sobrinho. Ao sobrevoar a metrópole, Carlos relembra suas aventuras de infância, quando ele e três amigos tentaram resolver os problemas causados pelas tempestades de verão.

A obra aborda temas ambientais e a responsabilidade social através do protagonismo infanto-juvenil, destacando como cada amigo desenvolveu técnicas para reutilizar a água da chuva e melhorar a absorção do solo, habilidades que refletiram em suas futuras profissões.

A metodologia utilizada na construção da narrativa introduz no contexto do leitor uma pluralidade de temáticas passíveis de serem trabalhadas na escola. Através da provocação os alunos são levados a refletir a cerca de seu espaço experiencial, das interações e transformações ocorridas a partir da relação sujeito e meio.

Convém destacar, que a qualidade do livro infanto-juvenil escolhido segundo Tavares (2014), está na relação forma e conteúdo, ou seja, o que o livro quer me dizer e

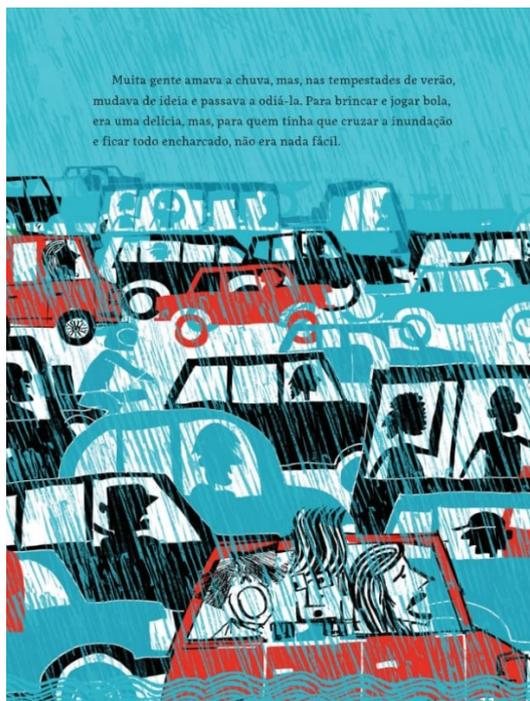
como ele diz. Essa construção, no caso do livro de Michel Gorski¹, vai além do texto escrito, e se apresenta, também, através dos textos imagéticos. As imagens contribuem para a compreensão da história e instrumentalizam a literaturalização dos conhecimentos geográficos adquiridos em sala de aula, visto que favorecem a capacidade de observação e análise dos alunos além de promover uma rica experiência de forma, perspectiva, cor e significados.

As ilustrações originais de Fernando Vilela², artista, escritor, ilustrador e educador, mesclam as linguagens da xilogravura, fotografia, escultura e pintura, com cores chamativas, segundo Moreira Junior (2013, p.26) abrem espaço para “[...] um universo rico de linguagens, textual e imagética, que possibilitam um processo de ensino-aprendizagem tanto interdisciplinar quanto criativo”.

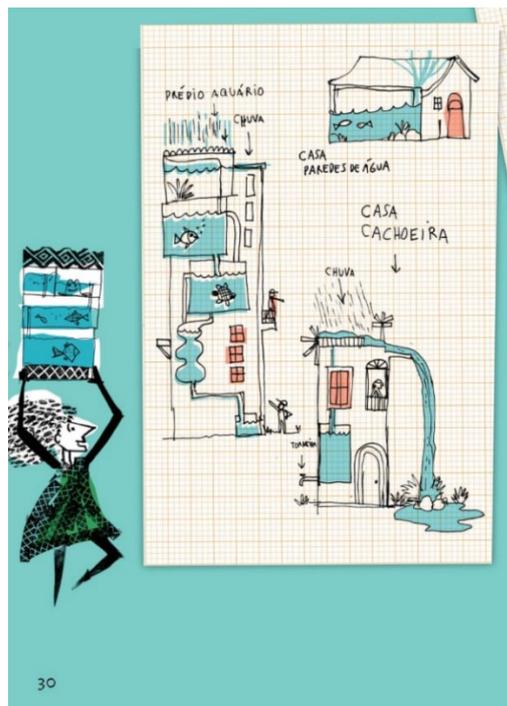
Figura 1. Ilustrações de Fernando Vilela no livro *Além da Chuva*, de autoria de Michel Gorski, (2000).

¹ Michel Gorski é paulistano de 1952. Arquiteto e urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, em 1976, com especialização em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília em 1977. Também é designer e escritor, trabalha com arquitetura do entretenimento e é co-editor do site www.arquiteturismo.com.br. Desenvolveu o passeio “Rondando pela Avenida São João”, do guia Dez roteiros a pé em São Paulo. (Fonte: <https://www.barbierigorski.com.br/perfil-1>).

² Fernando Vilela é graduado em Artes pela Unicamp e mestre em Artes pela ECA-USP. Possui trabalhos em coleções da Pinacoteca do Estado de São Paulo, do MAM de São Paulo, do Museu Nacional de Belas Artes do RJ e do MoMA de Nova York. Como autor, já publicou livros em 14 países e ilustrou mais de 100 livros, dos quais 25 são de sua autoria. Seu livro *Lampião e Lancelote* recebeu dois Prêmios Jabuti no Brasil, a Menção Novos Horizontes do Prêmio Internacional do Salão Jovem de Bolonha, em 2007, e foi incluído no catálogo “White Ravens”, da Biblioteca Internacional de Munique, na Alemanha. (Fonte: www.fernandovilela.com.br/).



Fonte: Gorski (2020, p.10 e p.30)



A fim de analisarmos as potencialidades do livro e as práticas pedagógicas possíveis, utilizamos o método de análise proposto por Paula C. S. Juliaz e Elisa V. Pereira em “O texto literário e o ensino de solos: a potencialidade do conto de Ana Primavesi no Ensino de Geografia” (2022, p. 234). A primeira etapa deste método consiste em sistematizar a análise da obra literária a partir dos seguintes aspectos:

Tabela 1. Aspectos a serem considerados para sistematização da análise da obra literária.

Descrição do Espaço
Personagens
Vivências
Problematizações
Temáticas físico-naturais relevantes
Conceitos e conteúdos geográficos

Fonte: Pereira e Juliaz (2022, p. 234).

Esta tabela funciona como uma ferramenta de organização inicial, proporcionando uma visualização clara e sistemática dos principais aspectos a serem avaliados. Com isso, foi elaborada uma tabela específica para o livro Além da Chuva:

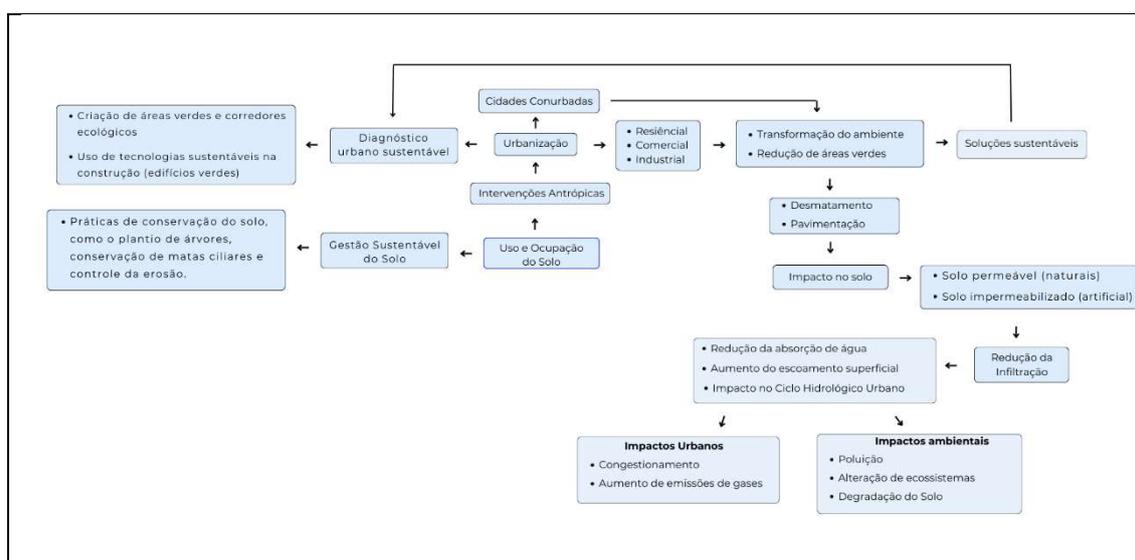
Tabela 2. Sistematização da análise da obra literária Além da Chuva (Gorski, 2020).

Descrição do Espaço	<p><u>Comum aos dois recortes espaço-temporais:</u> Cidade de São Paulo/SP; metrópole; área urbana; Bairro Mooca.</p> <p><u>Recorte Infância:</u> Área urbana congestionada com recorrência de alagamentos em períodos de chuva; poucos espaços verdes; transbordamentos de rios.</p> <p><u>Recorte Adulto:</u> Grande presença de áreas verdes; construções sustentáveis; organização do trânsito; sem inundações mesmo em períodos de chuva.</p>
Personagens	<p><u>Principais:</u> Carlinhos (Jornalista – Personagem principal e precursor do grupo) Tônico (Renomado inventor – amigo de infância do Carlinhos) Lucinha (Artista visual – amiga de infância de Carlinhos) Maria (Engenheira – amiga de infância de Carlinhos)</p> <p><u>Secundários:</u> Mãe, Vó Sônia e Pai</p>
Vivências	<p>A história estabelece uma comparação entre o passado e o presente. No passado, os quatro amigos, junto de seus familiares, enfrentam problemas relacionados à “temporada de chuvas”, como transbordamento, trânsito, goteiras, dificuldade de deslocamento, e querem criar soluções para destinar a água a locais ou finalidades mais adequadas. Ao longo do caminho vão compreendendo a importância de espaços verdes e da reutilização de água.</p> <p>No futuro, quando o personagem Carlinho retorna à sua cidade natal depois de 25 anos, percebe mudanças na paisagem. A cidade passou por uma transição, tornando-se mais verde e sustentável, conseqüentemente apresentando menos problemas relacionados à “temporada de chuvas”. Suas ideias criadas na infância embasaram o futuro da cidade e de suas carreiras.</p>
Problematizações	<p>O uso e ocupação do solo e os impactos ambientais, traduzidos em: Impactos das chuvas de verão em ambiente densamente urbanizado</p> <p>A história parte da questão feita por um personagem: “Por que a chuva é ruim?”</p>
Temáticas ambientais urbanas	<p>Geografia Urbana Mudança na Paisagem Sustentabilidade Infiltração Alagamento Desigualdade Social</p>
Conceitos e conteúdos geográficos	<p>Uso e Ocupação do solo Dinâmica dos solos Infiltração da água e impermeabilização do solo Ciclo da água Relações entre espaço urbano e espaço rural Impactos Ambientais Metrópole e Migração</p>

Fonte: Elaborada pela autora.

A segunda etapa envolve a elaboração de um organograma referente ao presente trabalho, que sistematiza a análise da obra literária através dos seguintes pontos: espaço, tempo e interações. A análise do livro em sala de aula deve focar nesses três aspectos essenciais, conforme discutido anteriormente.

Figura 2. Organograma: Conhecimentos Geográficos para prática de ensino com o livro “Além da Chuva” (Gorski, 2020).



Fonte: Elaborada pela autora

Ao iniciar a análise da obra observa-se que, desde a primeira página, a descrição da paisagem desempenha um papel crucial, permitindo ao leitor comparar diferentes espaços e recortes temporais. Um exemplo claro disso é a primeira paisagem a ser descrita: a cidade de São Paulo em 2035, observada através dos olhos do personagem principal, Tônico, que retorna como adulto à sua cidade natal, sobrevoando-a de avião.

Mal consegui reconhecer a paisagem urbana. Lá de cima, eu via rio, campos verdes e diversas plantações (Gorski, 2020, p. 08).

A narrativa das observações do personagem Tônico podem inicialmente causar estranhamento nos leitores, pois a descrição de rios, campos verdes e plantações contrasta com a imagem habitual dos espaços urbanos amplamente conhecidos. Esse contraste, entretanto, oferece uma excelente oportunidade para o início das atividades em sala de

aula, incentivando discussões sobre a transformação da paisagem urbana ao longo do tempo.

Ao relacionar o conteúdo com o dia-a-dia dos alunos, pode-se incentivá-los a comparar as paisagens de seus próprios locais de vivência com os usos desses espaços ao longo do tempo. Essa prática amplia a compreensão das transformações urbanas e naturais, além de estimular uma percepção crítica sobre os problemas ambientais e sociais que surgem dessas mudanças. Ao reconhecerem as modificações em seu entorno, os alunos passam a refletir sobre questões como o crescimento e ocupação do solo de forma desordenada, a perda de áreas verdes e os impactos na qualidade de vida, conectando a análise literária com suas próprias experiências cotidianas.

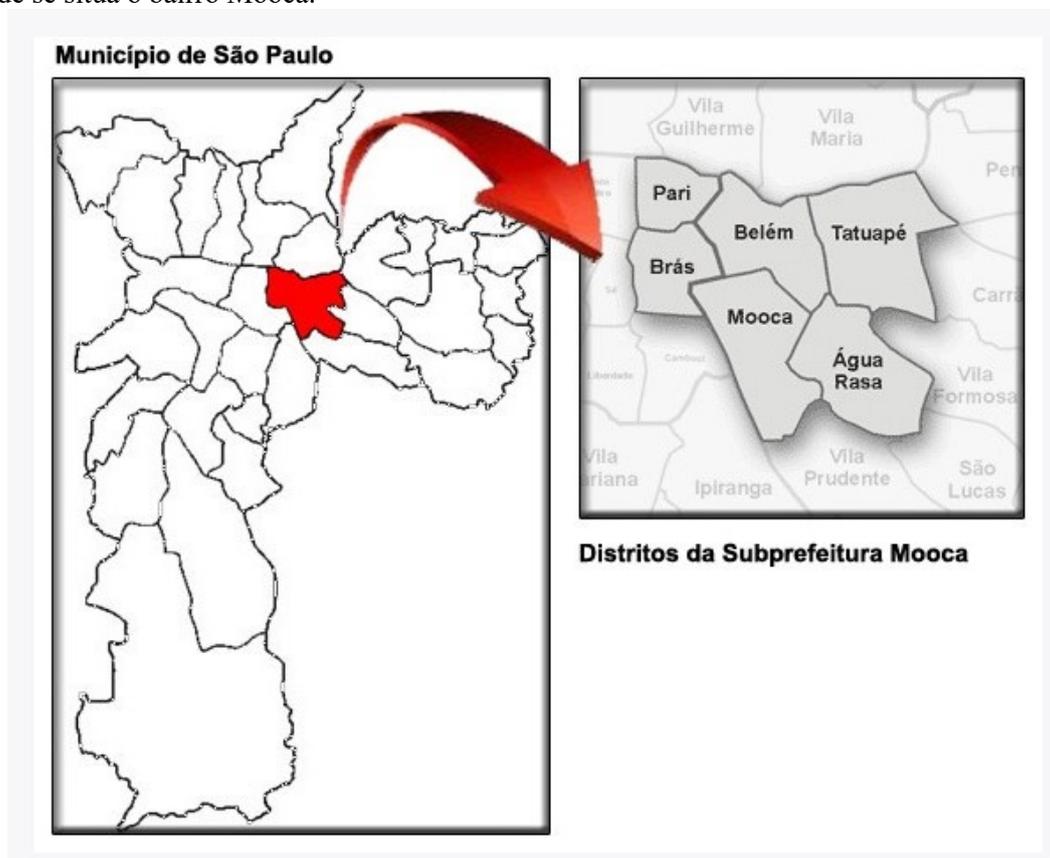
Retomando a paisagem descrita no livro, a cidade de São Paulo, uma das maiores metrópoles do mundo, caracteriza-se por sua complexa dinâmica urbana, alta densidade populacional e concentração de poder político e econômico. Dentro desse contexto, o bairro da Mooca destaca-se como um exemplo marcante das transformações que a cidade experimentou ao longo das décadas.

A seguir apresentamos brevemente aspectos da formação socioespacial do bairro, com a finalidade de instrumentalizar o trabalho pedagógico do professor de Geografia, no trabalho de reconhecimento das transformações espaciais ocorridas no bairro e estabelecimento de intersecções entre os elementos presentes no livro “Além da Chuva” e os da dinâmica espaço-temporal do bairro. Isso também como forma de encaminhamento que pode ser tomado pelo professor em relação à área de estudo definida para o trabalho escolar.

O bairro Mooca, situado na Zona Leste do município de São Paulo-SP, se estabeleceu em área originalmente povoada pela maior concentração de indígenas de São Paulo – indígenas Guaianases, do tronco tupi-guarani. De acordo com o site “Portal da Mooca”, o dia 17 de agosto de 1556 é o marco do surgimento da Mooca, onde até o fim do Império já se encontravam casarões coloniais rodeados por chácaras e sítios. Em 1869 já se notava muitas casas pequenas e pobres e, assim, o povoado foi crescendo (...). Em 1876, [criava-se no bairro] o Clube Paulista de Corridas de Cavalo, atual Jockey Club (...). O bairro foi aos poucos se formando; o local que era cheio de chácaras e sítios logo passou a ser ocupado por fábricas e usinas, além de casas de moradias para seus operários. Assim é que entre 1883 e 1890 instalaram-se algumas fabricas de massa como Carolina Gallo, Rosália Médio, Romanelli e outras. Em 1891, o casal Antônio e Helena Zerrenner fundaram a Cia. Antarctica Paulista (...). Em 1925 a avenida Paes de Barros, a rua da Mooca, a rua do Oratório e todas as suas transversais ainda não possuíam calçamento. A primeira rua urbanizada foi a Conselheiro João Alfredo. Apesar de já existirem carros a motor, ainda eram muitos os veículos a tração animal. Na década de 1930, São Paulo passou a ter um crescimento maior e os bairros continuavam a acompanhar este ritmo. Nessa década, a iluminação pública foi trocada pela

eletricidade (...). Na década seguinte a Mooca era considerada um bairro de elite. [Atualmente,] as fábricas e indústrias de outrora cederam e continuam cedendo espaços para novos e diversificados empreendimentos imobiliários (Portal da Mooca, 2024).

Figura 3. Município de São Paulo/SP com destaque para os distritos da Subprefeitura Mooca, onde se situa o bairro Mooca.



Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo-SP (2022), disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/mooca/w/mapas/439> Acesso em: 17 set. 2024.

Durante a infância dos personagens, Carlinhos, Tonico, Lucinha e Maria, a Mooca é retratada como uma área urbana densamente povoada, frequentemente afetada por alagamentos no período de chuvas, resultado direto das intensas intervenções antrópicas e do uso inadequado do solo, como apontam os trechos:

Chovia todo dia. À tarde caía um dilúvio, bem na hora em que eu estava de carro na rua com minha mãe. A água inundava tudo, e a gente demorava um tempão para chegar a qualquer lugar. Minha mãe reclamava, minha irmã menor chorava, e sempre havia um culpado — a chuva! (Gorski, 2020, p. 10).

Muita gente amava a chuva, mas, nas tempestades de verão, mudava de ideia e passava a odiá-la. Para brincar e jogar bola, era uma delícia, mas, para quem tinha que cruzar a inundação e ficar todo encharcado, não era nada fácil (Gorski, 2020, p. 11).

— Meu filho, a chuva deveria ser boa. Ela   essencial pra nossa vida, mas nesta cidade tudo fica bagunçado, entupido e inundado com ela. A chuva não traria problemas se as pessoas soubessem o que fazer com toda essa água que cai do céu (Gorski, 2020, p. 13).

As imagens do livro e as descrições da chuva e dos seus impactos no cotidiano dos moradores podem ser compreendidas como os conhecimentos sincréticos provindos do contato direto dos sujeitos (dos personagens do livro, mas também suscitando esses conhecimentos dos estudantes) com o ambiente e das interações sociais cotidianas com os vizinhos, moradores e informa es sobre o lugar onde circulam. A media o do professor pode abordar a situa o socioespacial configurada nessa narrativa literária e as de seus alunos e estabelecer rela es com outras informa es e conhecimentos geográficos escolares, que promovam o desenvolvimento das fun es psicológicas superiores dos sujeitos acerca do fen meno vivenciado e estudado.

Atividades que visem o desenvolvimento do pensamento de forma que o estudante passe a relacionar os aspectos visíveis dos impactos das chuvas observados nos espaços do bairro com processos de urbaniza o ocorridos sem preocupa o sustentável, que acaba por afetar profundamente o meio ambiente e a vida cotidiana dos habitantes. Esse processo está intimamente ligado ao crescimento populacional e   expansão do tecido urbano, resultantes de vetores de transforma o socioespacial que priorizam interesses econ micos em detrimento das dinâmicas físico-ambientais da área e dos direitos sociais dos moradores; assim como o desenvolvimento de posicionamento sobre tal realidade, a exemplo das a es criadas pelos personagens e outras provindas da realidade da área em estudo e do grupo de estudantes.

Para as análises conceituais, recorreremos ao artigo de Paulo Sergio dos Santos, Marcia Eliza de Godoi dos Santos e Raul dos Santos (2021), por se tratar de um compilado de referenciais teóricos que abordam de forma aprofundada os processos de urbaniza o e seus impactos socioambientais. Esse material oferece uma base sólida para entender as

dinâmicas entre urbanização, industrialização e os desafios de planejamento urbano sustentável.

O crescimento urbano desordenado e desigual nas cidades brasileiras tem acarretado, em muitos casos, uma série de problemas que impactam no desenvolvimento funcional urbano e no uso e ocupação do espaço (Silva, 2015, p.2). Segundo Silva (2015), as cidades brasileiras não estavam preparadas para um crescimento populacional tão rápido, por isso, acumularam, a partir de então, problemas de todas as ordens, o que ocasionou uma distribuição desigual de recursos naturais. A ocupação espacial tem crescido em grande escala, decorrente da demanda do modelo econômico homogêneo contemporâneo, porém na mesma escala cresce o esgotamento dos recursos naturais, tornando o padrão e desenvolvimento baseado na sustentabilidade um fator quase ilusório, principalmente com relação aos recursos naturais renováveis (Santos, 2005) (Santos et al., 2021, p. 6).

Ainda que algumas cidades ou setores delas se tornem centros importantes de oportunidades de trabalho e criatividade, impulsionando avanços em diversos campos, é perceptível que os processos de urbanização e industrialização apresentam uma série de problemas e impactos de ordem social, tal como problemas de acesso à moradia, serviços de transporte, de saúde, educação e cultura e de ordem ambiental, sobretudo pelas formas de ocupação sem responsabilidade ambiental, intensos processos de desmatamento, impermeabilização do solo, canalização de rios, de forma que o oferecimento de infraestrutura se sobreponha ao meio ambiente, alterando o equilíbrio do sistema e gerando um ambiente mais vulnerável a desequilíbrios, como às inundações, que é o contexto espacial sobre o qual o livro de Gorski se debruça.

Os trechos do livro destacados acima (Gorski, 2020, p. 11-13) auxiliam intersecções com conhecimentos geográficos acerca das transformações da paisagem, destacando as diferenças de uso do solo e seus impactos frente a fenômenos naturais. Ao explorar as descrições da Mooca, marcada por alagamentos e falta de espaços verdes, evidencia-se como a urbanização sem responsabilidade ambiental impacta a capacidade de infiltração de água no solo e conseqüentemente, o ciclo natural da água e o ciclo hidrológico urbano.

Abaixo seguem dois materiais resultantes de uma seleção de fotografias e notícias de jornais, como ação docente que visa enriquecer o estudo, pois ao viabilizar a visualização dos fenômenos em situações de materialidade pode proporcionar uma conexão mais concreta entre teoria e prática, mediando a compreensão dos fenômenos e formação dos conceitos necessários para aprendizagem.

Figura 4. Imagem de satélite com vista aérea de parte do bairro Mooca, na cidade de São Paulo, com destaque para a dicotomia entre a intensa urbanização, complexa malha urbana e singela área verde.



Fonte: Google Earth (2024)

Figura 5. Notícia de jornal sobre chuva intensa na cidade de São Paulo-SP, de 08 de março de 2024, com destaque para as enchentes enfrentadas em diversas áreas da Zona Leste da cidade, incluindo áreas no Bairro Mooca.

São Paulo

Temporal em SP: zona leste tem 7 pontos de alagamento intransitáveis

Chuva forte na tarde desta sexta-feira colocou toda a cidade em estado de atenção para alagamento; zonas leste e sul são as mais afetadas

Camila Olivo

08/03/2024 17:01, atualizado 08/03/2024 17:07

Compartilhar notícia



Reprodução/Brasil Urgente



São Paulo — A forte chuva da tarde desta sexta-feira (8/3) em **São Paulo** provocou quase 20 pontos de alagamento em todas as regiões da cidade. De acordo com a Central de Gerenciamento de Emergências Climáticas (**CGE**) a pior situação é a zona leste, onde havia, por volta das 16h30 desta sexta, sete pontos intransitáveis. Saiba onde estão:

- Av. Regente Feijó/ Aricanduva/Vila Formosa
- Av. Dr. Eduardo Cotching/ Aricanduva/Vila Formosa
- Av. Itaquera/ Itaquera
- Av. Barão de Cabela/ Itaquera
- Av. do Estado/ Mooca
- Av. Prof. Luiz Ignacio Anhaia Mello/ Mooca
- Av. Prof. Luiz Ignacio Anhaia Mello/ Vila Prudente

Outro ponto intransitável está na rua Presidente Batista Pereira, no Ipiranga, zona sul.

A subprefeitura do Campo Limpo, na zona sul, passou do estado de atenção para o estado de alerta para transbordamento do Córrego Morro do S, no Capão Redondo.

Fonte: Metrôpoles-SP (2024), disponível em:

<https://www.metropoles.com/sao-paulo/temporal-sp-zona-leste-7-pontos-alagamento-intransitaveis>

Acesso em: 02 set. 2024

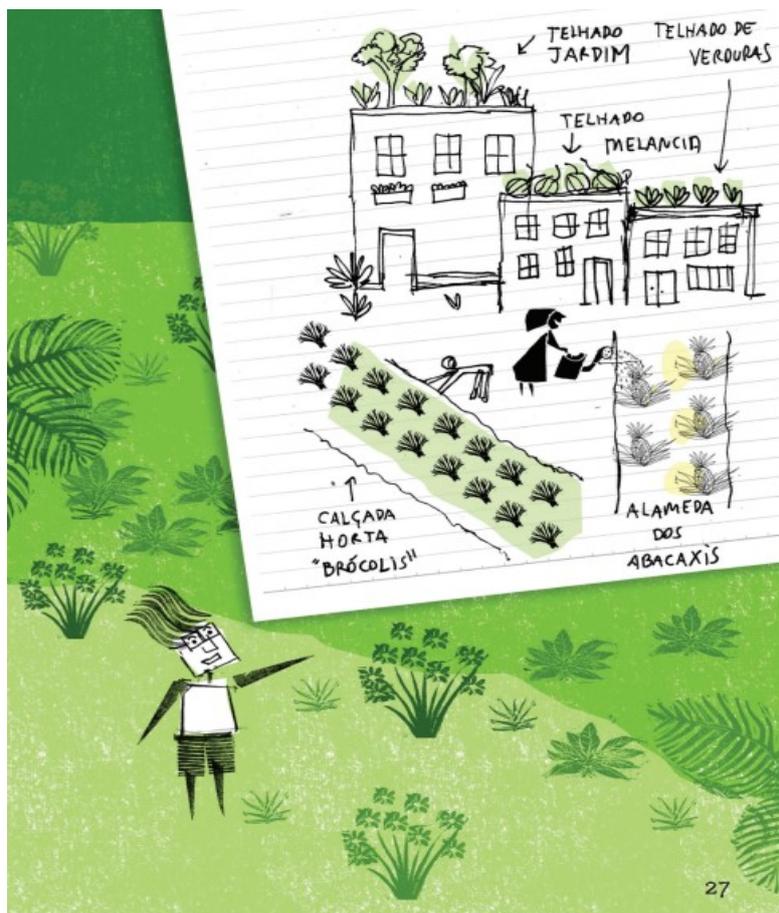
Tanto a compreensão conceitual do fenômeno estudado, quanto os recursos de mapa, fotografia aérea, reportagens de jornal, informações histórico-geográficas de ocupação e formação do bairro ou área de estudo, são instrumentos mediadores que ampliam a análise espacial pelos alunos, no trabalho conjunto com a retomada da leitura de partes da narrativa do livro *Além da Chuva*, como a que os personagens principais – Carlinhos, Tônico, Lucinha e Maria – observam a paisagem e vivenciam, desde a infância, os desafios impostos pelos processos de urbanização, como alagamentos, dificuldades de deslocamento e o impacto das chuvas em suas rotinas diárias. À medida que enfrentam essas dificuldades, os amigos começam a compreender a origem dos problemas (como a impermeabilização excessiva e a ausência de áreas verdes no bairro), percebendo a relação entre a urbanização desordenada e seus efeitos no meio ambiente, como mostram os seguintes trechos do livro:

*Comecei minha parte do trabalho conversando com a vovó, que morava com a gente. Ela contou que nosso **quintal de cimento já havia sido uma horta bem verdinha**, da qual ela mesma cuidava.*

No dia seguinte, para espanto de todos, Vó Sônia e eu quebramos o cimentado do quintal para refazer a horta. Eu até fiquei com bolhas nas mãos. A mamãe adorou, o papai disse que era o lugar do carro. Já a vovó, que parecia uma menina de tão feliz, disse para ele, seu filho, que carro não é gente e não precisa morar em casa (Gorski, 2020, p. 24, grifo nosso).

*Com a experiência do quintal, eu tinha descoberto que **a terra bebia muita água da chuva**. Mostrei para o pessoal os desenhos das minhas ideias sobre a cidade verde total, das calçadas até os telhados (Gorski, 2020, p. 26).*

Figura 6. Página do livro *Além da Chuva*, página que representa as ideias de Tônico para diminuir os problemas relacionados às enchentes no bairro onde mora.



Fonte: Gorski (2020, p. 27).

A compreensão dos diferentes usos do solo, com ênfase na impermeabilização e seus impactos, pode ser explorado para que os alunos reflitam sobre como essas questões afetam o ambiente urbano em que vivem, influenciando o ciclo hidrológico e a infiltração da água.

As descrições sobre as chuvas narradas no livro (Gorski, 2020, p. 10-13) podem ser melhor compreendidas quando associadas a conhecimentos sistematizados, por exemplo quando se conhece que a chuva é uma das etapas do ciclo da água (ou ciclo hidrológico) e que a chuva consiste em um:

Chuva: Conjunto de águas originárias do vapor de água atmosférico que se precipitam, em estado líquido sobre a superfície terrestre em consequência da intensificação da evapotranspiração sobre superfícies quentes e úmidas. A formação das chuvas está associada à ascensão das massas de ar quente e úmidas e a formação de nuvens (Miranda et al., 2010, p. 113).

Além de conhecer também as características da “chuva de convecção”, que segundo o “Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente”, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2004, p. 71):

Chuva de convecção: Chuva proveniente da ascensão do vapor d’água que ao entrar em contato com as camadas de ar mais frio sofre condensação e precipita. Está associada à formação de nuvens do tipo cumulus e cumulonimbus, sendo geralmente intensas, do tipo aguaceiro, de curta duração e, freqüentemente, acompanhadas de trovões.

Assim, como compreender que esse fenômeno natural em áreas intensamente urbanizadas criam características particulares de uma “hidrologia urbana”, onde “o relevo é modificado pelas construções e a maior parte do solo encontra-se coberto por revestimento artificial, o que o torna praticamente impermeável” (IBGE, 2004, p. 171).

O impacto no solo, conforme percebido pelos personagens, se dá principalmente pela impermeabilização das superfícies, resultado da construção de edificações, pavimentação de ruas e outras intervenções urbanas. Esse processo impede a infiltração da água no solo, essencial para recarregar os lençóis freáticos e manter o equilíbrio dos ecossistemas locais. Com a redução da infiltração, as chuvas, que antes infiltravam pelos solos naturais e permeáveis, se transformam em escoamento superficial, contribuindo para o aumento da incidência de alagamentos, erosão do solo, congestionamento e aumento da emissão de gases, segundo Matos (1988 apud Machado, 2016, p.27).

Os grandes traços da estrutura espacial de uma cidade são, durante um longo período de sua evolução, consequência direta das limitações que o meio físico-geográfico imprime ao tecido urbano projetado ou construído. As bacias de rios, os cursos d’água, as tipologias de vales e montanhas, enfim, a morfologia é de vital importância na implantação de uma cidade, porque é a partir desse conhecimento que teremos insinuado o sentido de direcionamento do sistema viário primário, das redes de esgotos sanitários e pluviais e a localização dos reservatórios de tratamento e captação de água potável.

A transformação da natureza provocada pela urbanização resulta na substituição de áreas naturais por construções, o que reduz a biodiversidade e altera os habitats. A remoção de vegetação nativa não apenas prejudica a fauna e a flora locais, mas também interfere nos processos ecológicos, como a regulação do clima e a purificação do ar. As áreas verdes desempenham um papel crucial na absorção de água da chuva, mitigando os efeitos das enchentes e proporcionando espaços de lazer e bem-estar para a população.

Assim, ao contrastar essas questões com as funções dos espaços naturais, onde a presença de vegetação é mais significativa e a infiltração da água é favorecida, os alunos poderão compreender melhor a importância do planejamento urbano sustentável. Essa

discussão enriquecerá o entendimento sobre como as decisões de uso do solo impactam diretamente a qualidade de vida nas cidades e a saúde dos ecossistemas.

Na narrativa, os amigos Carlinhos, Tônico, Lucinha e Maria desenvolvem estratégias para enfrentar os problemas causados pela chuva. Desde cedo, eles compreendem que a verdadeira questão não é a chuva em si, mas a falta de ambientes adequados e sustentáveis que permitam um ciclo eficiente da água, incluindo o escoamento e a absorção. A experiência de lidar com esses desafios impulsiona a reflexão sobre possíveis soluções para a cidade. Essa conexão dos personagens com os desafios enfrentados na infância é bem ilustrada em passagens como:

A coisa ficou ainda mais divertida quando meus amigos começaram a mostrar suas incríveis invenções!

Maria, futura engenheira, aproveitou o exemplo do guarda-chuva invertido do Tônico e criou o projeto do 'guarda a chuva', que coletava e armazenava a água que caía no guarda-chuva. Ela desenhou vários modelos, com diferentes soluções para guardar e reutilizar a água coletada (Gorski, 2020, p. 28).

Já a ideia de Lucinha, que se tornou uma artista visual, nasceu de um banho inesperado que viu um menino tomar com a água que ficou 'embarrigada' em um toldo. Ela pensou em reutilizar a enorme quantidade de água que cai dos telhados de casas e prédios e inventou, então, diferentes tipos de reservatório para isso, com variados caminhos e finalidades. As paredes-aquário de Lucinha eram verdadeiras obras de arte (Gorski, 2020, p. 31).

As reflexões e invenções da infância se concretizam na vida adulta dos personagens, quando eles se tornam agentes de mudança e contribuem para um ambiente urbano mais sustentável.

O professor pode incentivar que os alunos se inspirem nas vivências dos personagens para refletir sobre como suas próprias ações e escolhas podem impactar o futuro de suas comunidades. Eles também podem ser estimulados a criar e desenvolver projetos capazes de serem implementados em suas escolas ou bairros, como a criação de jardins comunitários, arborização urbana, proposição e acompanhamento de políticas públicas.

Embora se trate de uma obra ficcional futurista, é importante compreendê-la à luz de nossa sociedade atual, marcada pela divisão de classes. A superação do problema anunciado no livro não demanda apenas uma questão técnica, mas também política. Dessa forma, os alunos aprendem que transformar o mundo exige tanto conhecimento prático quanto uma postura crítica e ativa frente às desigualdades sociais que persistem em nosso tempo. A leitura abre espaço para a literaturização dos conhecimentos e através do desenvolvimento da atividade, os conceitos fundamentais e pautas sociais podem ser introduzidos.

Sobre o papel da perspectiva utópica na crise do capitalismo, José Luís Sanfelice (, p. 99) diz que:

Se as condições objetivas estão a sinalizar uma crise estrutural do capitalismo, se conseguimos cientificamente explicar a nova realidade e, se nossas subjetividades estão se preparando para uma sociedade pós-capitalista, então algo de novo se coloca na face da terra. (...) A utopia, no sentido positivo, de que é alguma coisa que queremos alcançar, é extremamente sustentável.

Sob essa perspectiva, o livro de Gorski traz e contextualiza, ainda que de forma utópica, os benefícios de uma urbanização sustentável, mostrando como intervenções planejadas podem transformar positivamente o ambiente urbano. Já na vida adulta dos personagens, em 2035, o bairro da Mooça passa por uma transformação significativa. A introdução de áreas verdes, construções sustentáveis e melhor organização do trânsito resulta em uma paisagem urbana mais equilibrada e funcional e que aparentemente não sofre mais com os problemas ocasionados pelas chuvas. Um trecho que representa essa mudança é:

Ao sair do aeroporto, entramos em uma grande avenida, a mesma por onde eu costumava passar de carro com minha mãe (e com minha irmã). Foi então que percebi por que a cidade estava quase irreconhecível: a região tinha muitos prédios novos, mas o trânsito estava organizado, as calçadas eram verdes por causa das plantações e, mesmo debaixo daquela tempestade, não havia inundação!

“Eu não podia imaginar que nossas ideias e muitas outras iriam mudar o mundo para melhor (Gorski, 2020, p. 37).

Essa passagem evidencia como as criações das crianças podem se tornar intervenções nos espaços capazes de transformar áreas com problemas em espaços mais sustentáveis e agradáveis para se viver. As mudanças na paisagem urbana refletem um

uso mais consciente, responsável e sustentável do solo, evidenciando a importância de práticas que promovam, por exemplo, a infiltração da água e a preservação ambiental.

No livro “Além da Chuva”, as soluções elaboradas pelas crianças na infância foram incorporadas ao planejamento e à gestão urbana, resultando em melhorias tangíveis na cidade. Isso demonstra como os processos de criação intelectual dos sujeitos podem ter um impacto duradouro na construção de ambientes urbanos mais sustentáveis.

A análise do livro paradigmático *Além da Chuva* (2020) revela como as experiências de infância e vida adulta dos personagens são fundamentais para compreender a importância de planejamento e dos usos do solo urbano ambientalmente responsáveis e as questões, políticas, sociais e econômicas que os permeiam. As mudanças na paisagem do bairro da Mooca exemplificam como a ocupação consciente do solo e a gestão adequada dos recursos naturais podem transformar uma área problemática em um exemplo de desenvolvimento sustentável. Além disso, o livro serve como um instrumento valioso para os alunos refletirem sobre suas próprias vidas e pensarem a partir do arranjo social e político contemporâneo, em como podem contribuir para um futuro mais ambientalmente equilibrado e saudável em suas comunidades.

Destaca-se que, ao final do livro, são apresentados relatos reais de jovens que propuseram mudanças intituladas "Ideias que Mudaram o Mundo". Esses relatos servem como uma fonte de inspiração para os alunos, conectando as ideias discutidas à sua própria vivência diária.

O livro “Crônicas de São Paulo: um olhar indígena”, de Daniel Munduruku (2019), oferece uma alternativa de perspectiva sobre a ocupação e o uso dos espaços urbanos, e pode ser utilizado como leitura literária complementar numa atividade de ensino de Geografia em intersecção com a literatura, tal como estamos propondo aqui. Munduruku destaca, através de suas crônicas, que mesmo em uma metrópole como São Paulo, é possível adotar práticas que respeitem a natureza e valorizem as tradições culturais indígenas, enfatizando a possibilidade de coexistir com o ambiente, tal como o livro “Além da Chuva” faz em sua criação, ao propor um futuro onde a urbanização sustentável é o eixo de transformação. Essas formas alternativas de viver e ocupar a cidade se alinham com as discussões do artigo de Trindade (2024), que defendem que as grandes cidades podem ser pensadas de maneira mais inclusiva e sustentável, mesmo em face dos desafios da urbanização. O artigo ressalta como a revalorização de saberes

tradicionais pode transformar o modo como percebemos e interagimos com o espaço urbano, promovendo um equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação ambiental.

Essas reflexões, tanto em “Crônicas de São Paulo: um olhar indígena” quanto no artigo de Trindade (2024), mostram que existem formas alternativas e mais sustentáveis de ocupar e viver os espaços, mesmo em metrópoles como São Paulo. Assim como no livro “Além da Chuva”, onde a imaginação, mas também ação dos personagens resultam em um cenário de transformação urbana baseado em soluções sustentáveis, esses exemplos apontam para a possibilidade de mudanças concretas em direção a um futuro mais responsável e equilibrado.

Ao destacar a transformação da Mooca no enredo e os relatos de jovens com "Ideias que Mudaram o Mundo", o livro oferece aos alunos não apenas uma visão crítica da urbanização, mas também uma inspiração prática. Eles são encorajados a enxergar seus próprios espaços de forma transformadora, sendo protagonistas na criação de cidades mais inclusivas, funcionais e sustentáveis. Dessa forma, a leitura se torna uma ponte entre a ficção e a realidade em suas mais plurais perspectivas, incentivando ações que impactem positivamente suas comunidades e o mundo ao redor.

Considerações finais

A formação de leitores transcende a simples habilidade de decodificar palavras, envolvendo a capacidade de interpretar, criticar e compreender o mundo em sua complexidade. No contexto educacional, a integração de literatura e geografia se revela uma estratégia pedagógica capaz de enriquecer tanto o processo de leitura quanto a compreensão das dinâmicas espaciais. O livro “Além da Chuva”, de Michel Gorski (2020), exemplifica como as narrativas literárias podem ser utilizadas para abordar temas geográficos de maneira acessível e envolvente, estimulando nos alunos não apenas o prazer pela leitura, mas também a reflexão crítica sobre o ambiente em que vivem e o desenvolvimento criativo do pensamento.

Ainda que as situações narradas sejam sobre a transformação da Mooca, elas podem ser promotoras do estudo de outros contextos urbanos, inspirando os alunos a pensarem em soluções para os desafios que enfrentam nas suas cidades.

A literatura oferece formas de desenvolvimento intelectual e compreensão criativa para diferentes mundos, permitindo que os alunos explorem as relações entre sociedade e espaço, e compreendam as transformações que moldam as paisagens urbanas e rurais.

Ao ser utilizada como ferramenta pedagógica, ela proporciona uma aprendizagem contextualizada, onde os conceitos geográficos se tornam mais palpáveis e conectados à vivência dos alunos. Essa abordagem interdisciplinar não apenas amplia o horizonte cultural dos estudantes, mas também contribui para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e criativas.

Ao longo deste trabalho, evidenciou-se a importância de selecionar obras literárias que dialoguem com o espaço vivido dos alunos, permitindo-lhes estabelecer conexões significativas entre o conteúdo escolar e suas vivências pessoais. Dessa forma, a literatura se torna uma aliada essencial na construção de um ensino mais integrador e significativo, capaz de formar cidadãos críticos, conscientes e preparados para enfrentar os desafios de um mundo em constante transformação.

Portanto, a utilização de livros literários no ensino de geografia não só enriquece a prática pedagógica, mas também fortalece a formação integral dos alunos. Ao incentivar a leitura crítica e a análise das relações entre sociedade e espaço, educadores promovem uma educação que vai além do conteúdo acadêmico, preparando os alunos para serem agentes de mudança em suas comunidades e no mundo.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 38. ed. São Paulo: Ática, 2019. 248 p.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Bettelheim_Bruno_A_Psicanalise_Dos_Contos_De_Fadas.pdf. Acesso em: ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: ago. 2024.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. 2 v. (Coleção Reconquista do Brasil. 2ª série, vol. 177-178). Disponível em: <https://joacamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/08/117023824-candido-antonio-formacao-da-literatura-brasileira-vol-1-e-2.pdf> Acesso em: ago. 2024.

CARACTERÍSTICAS da Mooca. **Portal da Mooca**, 2024 Disponível em: <https://portaldamooca.com.br/historia-do-bairro/> Acesso em: 18 set. 2024.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo 4). Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, Amanda Regina (org.). **O espaço como intérprete do tempo:** crônicas das geografias do Triângulo Mineiro. Uberaba: UFTM, 2014. (Coleção Paradidáticos Geografia e Cultura).

GORSKI, Michel. **Além da Chuva.** 1. ed. São Paulo: FTD Educação, 2020. 48 p.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000200005>. Acesso em: ago. 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente.** 2 ed., Rio de Janeiro: IBGE/Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2004. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv4730.pdf> Acesso em: 29 set. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2015. 200 p.

JULIASZ, Paula Cristiane Strina; PEREIRA, Elisa Vicari. O texto literário e o ensino de solos: a potencialidade do conto de Ana Primavesi no ensino de Geografia. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 7., WORKSHOP DE CARTOGRAFIA E NOVOS LETRAMENTOS, 3., 2022, São Paulo. Anais... São Paulo: Ateliê de Pesquisas e Práticas no Ensino de Geografia; Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Campinas, 2022. Acesso em: set. 2024.

LIMA, Francisca Verlênia Silva. **Abordagem dos elementos conceituais da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) de Vygotsky.** Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67891>. Acesso em: jun. 2024.

MACHADO, Luciano Rodolfo de Moura - **O papel mediador do professor na aprendizagem sobre drenagem urbana em microbacias hidrográficas no ensino fundamental II.** Campinas, SP: 2016. Disponível em: file:///C:/Users/J%C3%BAlia/Downloads/machado_lucianorodolfodemoura_m.pdf Acesso: out.2024

MIRANDA, Ricardo Augusto Calheiros de; OLIVEIRA, Marcus Vinicius Siqueira de; SILVA, Danielle Ferreira da. Ciclo hidrológico planetário: abordagens e Conceitos. **Geo UERJ**, Ano 12, v. 1, n. 21, 2010. p. 109-119 DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2010.1461> Acesso em: jun. 2024

MOREIRA JUNIOR, Orlando. O espaço da Literatura Infantil e Juvenil na representação do espaço geográfico. In: VASQUES, Cristina Maria (org.). **Literaturando na escola** – a literatura infantil e juvenil brasileira em todos os níveis e todas as disciplinas da Educação Básica. São Carlos: RiMa Editora, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas de São Paulo: um olhar indígena**. 2. ed. São Paulo: Callis, 2009. 64 p.

OLIVO, Camila. Temporal em SP: zona leste tem 7 pontos de alagamento intransitáveis. **Metrópoles**, São Paulo, 08 mar. 2024. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/sao-paulo/temporal-sp-zona-leste-7-pontos-alagamento-intransitaveis> . Acesso em: out. 2024.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 9, p. 16–29, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i9p16-29> Acesso em: ago. 2024.

PERUZZO, Andreana. A importância da literatura infantil na formação de leitores. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15, 2011, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. v. 15, n. 5, t. 1. (Cadernos do CNLF). Disponível em: https://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/08.pdf. Acesso em: ago. 2024.

ROSA, Ana Paula Marques da; GOI, Mara Elisângela Jappe. Teoria socioconstrutivista de Lev Vygotsky: aprendizagem por meio das relações e interações sociais. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 10, 26 de março de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/10/teoria-socioconstrutivista-de-lev-vygotsky-aprendizagem-por-meio-das-relacoes-e-interacoes-sociais>. Acesso em: ago. 2024.

SANFELICE, José Luís. A crise do capitalismo e seus impactos na educação brasileira. In: LOMBARDI, José Claudinei (org.). **Crise capitalista e educação brasileira**. Uberlândia-MG: Navegando, 2027. p. 95-100.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1). Disponível em: <https://sites.usp.br/fabulacoesdafamiliabrasileira/wp-content/uploads/sites/1073/2022/08/A-natureza-do-Espaco.pdf>. Acesso em: ago. 2024.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5350058/mod_resource/content/1/texto3B_m santos_1988.pdf. Acesso em: ago. 2024.

SANTOS, P. S. dos; SANTOS, M. E. de G. dos; SANTOS, R. dos. Uso E Ocupação Do Solo: Reflexão Sobre Impacto Ambiental. **Agri-Environmental Sciences**, v. 7, n. 1, p. 10, 23 jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.36725/agries.v7i1.5208> Acesso: out. 2024

SÃO PAULO (Cidade). Subprefeitura Mooca. **Mapas - Mooca**. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/mooca/w/mapas/439>. Acesso em: out. 2024.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de geografia e algumas crônicas**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2008. 109 p.

SOUZA, Alex Cristiano de. **Ensino de geografia e literatura: crítica, fundamentação metodológica e mediação pedagógica a partir da obra de Eduardo Galeano**. 2021. 139 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.268> . Acesso em: ago. 2024.

TABA, A.. **Como escolher bons livros para crianças?** YouTube, 20 mar. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5F1Ax9sE7Wc>. Acesso em: ago. 2024.

TAVARES, Cristiane Fernandes. A literatura como patrimônio. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 3, p. 117–123, 2008. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v13i3p117-123. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/43275>.. Acesso em: out. 2024.

TAVARES, Cristiane. **Live: Como escolher bons livros para crianças?** Canal A Taba: Denise Guilherme – Leitura em rede, 2014. Disponível em: Acesso em: 17 set. 2024.

TRINDADE, G.. **Crônicas do (re)descobrimento**: a ressignificação do urbano com base em lacunas epistêmicas em *Crônicas de São Paulo*, de Daniel Munduruku. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 71, p. e7103, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-40187103>

VASQUES, Cristina Maria (org.). **Literaturando na escola** – a literatura infantil e juvenil brasileira em todos os níveis e todas as disciplinas da Educação Básica. São Carlos: RiMa Editora, 2013. 94 p.

VIGOTSKII, Lev Semenovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. (Coleção Educação Crítica).

VYGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Tradução de Zoia Prestes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 128 p. (Coleção Educação).

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf. Acesso em: ago. 2024.